

FORMAÇÃO DA TEORIA DE RICARDO SOBRE VALOR

Luiz A. M. Macedo *

RESUMO

O artigo tenta explicar o desenvolvimento por David Ricardo da teoria de Adam Smith sobre “preço natural”, a partir do argumento exposto em seu Ensaio sobre Lucros (1815), até chegar a sua própria teoria de “valor” ou preços relativos, apresentada nos Princípios de Economia Política (1817), conhecida como teoria de “valor-trabalho”. Esta reconstrução tentativa da formação da teoria de Ricardo sobre valor, no período anterior aos Princípios, é diferente da interpretação dada por Sraffa em sua “Introdução” aos Princípios, a qual é reconsiderada no Apêndice ao artigo.

O Ensaio sobre Lucros de Ricardo (1815) contem um argumento teórico sobre lucros e preços, o qual ele converteu na teoria que se encontra nos seus Princípios de Economia Política (1817). O argumento sobre valor nesta última obra é conhecido como uma teoria de "valor-trabalho".

Este artigo, na seção 1, tenta articular coerentemente todas as proposições sobre determinação de “valores” (preços relativos) e “preços” (preços em dinheiro) que se encontram no argumento do Ensaio, as quais não chegam a constituir uma teoria logicamente consistente, mas em geral configuram uma teoria de determinação de preços relativos pelo "custo de produção" das mercadorias, baseada na teoria de Adam Smith sobre “preço natural”.

O artigo prossegue, na seção 2, buscando traçar, na correspondência de Ricardo no período 1815/17, a transição em seu tratamento sobre valor, de uma teoria de "custo de produção" para a teoria de "valor-trabalho" que aparece nos Princípios (1817). Mostra-se como Ricardo foi levado, sob pressão de Malthus, a modificar suas suposições anteriores e a chegar eventualmente a seu novo teorema sobre determinação de valores.

A seção 3 mostra, a partir dos antecedentes encontrados no Ensaio, como Ricardo, havendo aderido a uma teoria simples de “valor-trabalho”, deparou-se mais adiante com o problema das “proporções de capital”, o que o levou a modificar essa teoria na direção das versões apresentadas nos Princípios.

Esta reconstrução tentativa da formação da teoria de Ricardo sobre valor, no período anterior aos Princípios, resultou diferente da importante descrição dada por Sraffa em sua Introdução aos Princípios de Ricardo, a qual é reconsiderada no Apêndice.

1 Elementos de uma teoria de valor e preço no Ensaio sobre Lucros (1815)

No Ensaio sobre Lucros, Ricardo recorreu a proposições sobre valores e preços a fim de mostrar a determinação da taxa de lucro no conjunto da economia, ao invés de

* UFMG-Departamento Economia/CEDEPLAR – e-mail: Lmacedo@face.ufmg.br

meramente argumentar que, uma vez que as taxas de lucro devem ser uniformes, elas devem ser iguais à taxa estabelecida na agricultura, taxa esta que ocorre ser determinada independentemente. Assim, o Ensaio combina um tratamento de valor e preço com um tratamento de lucros, pois Ricardo pretende estabelecer "a influência de um baixo preço [em dinheiro] do trigo sobre os lucros [em dinheiro] do capital" (título do Ensaio). Em particular, Ricardo precisava demonstrar como a diminuição da produtividade do trabalho na agricultura, não apenas faria diminuir a taxa de lucro na própria agricultura, mas também faria baixar as taxas de lucro nos demais setores, trazendo-as ao mesmo nível que a taxa agrícola:

"É por meio do aumento no preço do trigo que todos os outros lucros são regulados aos lucros agrícolas. Se o preço do trigo permanecesse baixo, os salários em dinheiro não subiriam, e os lucros gerais não poderiam cair" (Carta a Malthus de 17mar.1815, in: RICARDO, 1951,v.VI,p.194)

A posição é colocada no Ensaio da seguinte maneira:

"os lucros gerais sobre o capital só podem ser aumentados por uma queda no valor de troca do alimento, queda esta [e portanto o aumento da taxa geral de lucros] que só pode ocorrer em virtude de três causas:

- 1a. A queda nos salários reais do trabalho, o que permitiria ao agricultor trazer a mercado um maior excedente de produto.
- 2a. Melhorias na agricultura, ou nos implementos de lavoura, que também aumentariam o excedente de produto.
- 3a. [a importação de trigo mais barato]" (RICARDO, 1815,p.22)

Daí a conclusão que ele buscava estabelecer:

"Penso que pode ser provado da maneira mais satisfatória que, em toda sociedade avançando em riqueza e população, independentemente do efeito produzido por salários liberais ou parcos, os lucros gerais devem cair, a menos que haja melhorias na agricultura, ou que o trigo possa ser importado a um preço mais barato" (Ibid.,p.23)

Embora não tenha sido "provada satisfatoriamente", esta proposição é baseada, não apenas no teorema de que a taxa geral (uniforme) de lucro é "regulada" pela taxa agrícola de lucro, mas também numa explicação sobre o comportamento dos preços (vis-à-vis salários em dinheiro) e portanto sobre a taxa geral de lucros em dinheiro, a qual é de fato o que Ricardo tinha em mente quando falava de "lucros gerais".

Já no Ensaio, ele recorreu a uma "teoria" de valor e preços, que combina duas suposições:

- (a) o princípio de que o valor de equilíbrio de toda mercadoria que não seja escassa, produzida domesticamente, é "regulado" por seu custo de produção, inclusive lucros a uma taxa geral;
- (b) a suposição análoga de que o dinheiro (metais preciosos), sendo uma mercadoria de produção estrangeira (de modo que não está sujeita à mesma taxa de lucro doméstica), seu valor de equilíbrio na economia doméstica (relativamente às mercadorias produzidas domesticamente, consideradas em geral) depende de seu custo de produção (ibid,p.21,n.), ou melhor, como ele explica em carta a Malthus de 4abr.1815 (RICARDO,1951,v.VI,p.210-11): "como qualquer outra mercadoria estrangeira [seu valor] depende do trabalho e da despesa de trazê-la a mercado" (dadas as despesas de produzir as mercadorias domésticas).

Daí Ricardo tira uma distinção entre, de um lado, uma mudança no valor do dinheiro, isto é, um aumento ou queda geral nos preços em dinheiro das mercadorias, decorrente de uma variação na despesa de produzir os metais preciosos¹ - e, de outro lado, uma mudança no preço em dinheiro de uma mercadoria particular, e portanto em seu valor em termos das outras mercadorias domesticamente produzidas, decorrente de uma variação na despesa de sua produção:

¹ Ricardo admite uma alteração acidental no valor dos metais preciosos "decorrente de sua abundância ou escassez" (op.cit., v.IV, p.19, n.; ênfase minha)

"[Os preços em dinheiro das] Mercadorias não podem, eu penso, materialmente subir ou cair, enquanto o dinheiro e as mercadorias continuem na mesma proporção, ou melhor, enquanto o custo de produção de ambos calculados em termos de trigo continue o mesmo" (RICARDO,1815,p.21,n.;ênfase minha)

"Se o preço do trigo for afetado por uma subida ou queda no valor dos metais preciosos por si próprios, então certamente será afetado também o preço das mercadorias, mas estas variarão porque o valor do dinheiro terá variado, não por causa da alteração no valor do trigo" (Ibid.;ênfase minha)

A suposição indicada acima por (a), adotada por Ricardo, é derivada, fazendo abstração de renda fundiária, da teoria do preço "natural" de Smith², segundo a qual o preço de mercado de toda mercadoria reproduzível, produzida sob condições competitivas, gravita em direção a um nível de equilíbrio dado por seu custo de produção, neste incluída a remuneração do capital aplicado, à taxa de lucro vigente em geral na economia (a taxa "natural" de lucro), bem como o custo de salários, também calculado à taxa "natural" de salário. Como afirma Ricardo no Ensaio sobre Lucros:

"[\"onde quer que a competição possa ter seu pleno efeito, e a produção da mercadoria não seja limitada pela natureza {e.g. vinhos especiais}\"] o preço de todas as mercadorias é regulado, em última análise, pelo ... custo de sua produção, incluindo-se neste os lucros gerais do capital" (RICARDO,1815,p.19-20,20n.)

Esta suposição pode ser formulada incluindo-se no capital aplicado uma parcela de capital fixo, como inclui Ricardo na definição da taxa de lucro da agricultura, adotada no Ensaio (RICARDO,1815,p10) - embora o capital fixo seja geralmente abstraído por Ricardo, particularmente nas afirmações sobre valores e preços. A suposição (a) pode então ser escrita:

$$p_i = n_i w + r(n_i w + f_i) \quad i=a,b,\dots$$

(I)

onde p_i é o valor da mercadoria i em termos de trigo, que é a mercadoria a , cujo valor é então identicamente igual a 1; n_i é a quantidade (homens-ano) de trabalho requerida

² SMITH (1776), Livro I, cap.7

por unidade de produto; w é a taxa de salários (por homem-ano) em termos de trigo; r é a taxa anual geral (uniforme) de lucro sobre o capital aplicado em um ciclo anual de produção da mercadoria i , sendo este constituído de capital circulante (salários adiantados) e capital fixo, f_i , calculados por unidade de produto, em termos de trigo.

Em particular, o valor do trigo é "regulado" pelo custo de produção na margem extensiva do cultivo, como afirmado por Ricardo numa carta a Malthus de 13 mar. 1815 (quando o Ensaio estava sendo preparado para publicação³):

"a última porção de capital empregada na terra [isto é, o capital empregado na última terra incorporada ao cultivo] rende apenas os lucros comuns do capital, e não dá qualquer renda. Se assim é, o trigo, como tudo o mais, é regulado em seu preço pelo custo de produção" (RICARDO, 1951, v. VI, p. 177; vide também v. IV, p. 37-9)

Paralelamente às suposições (a) e (b) sobre valor, Ricardo adota no Ensaio sobre Lucros algo parecido à teoria de Smith sobre salários⁴. A taxa de salário real, expressa em termos de trigo, w , é dada (qualquer que seja seu nível) por um mercado de trabalho, que é tratado como exógeno do ponto de vista da determinação de lucros, no qual a oferta de trabalho é ligada ao crescimento da população e a demanda é ligada à acumulação de capital (RICARDO, 1815, p. 11-12, 22-23). O efeito "feed-back" da taxa geral de lucro sobre o mercado de trabalho, através da taxa de crescimento do capital e da demanda por trabalho, é abstraído, embora seja mencionado o efeito da taxa de lucro sobre a taxa de crescimento do capital (ibid., p. 14, 15).

Mas Ricardo parece pensar em um nível de equilíbrio ("permanente") de w , que é um nível de "subsistência", chamemo-lo w_s . Com efeito, embora ele não adote explicitamente o mecanismo de população-salário de Smith, tal mecanismo parece estar implícito no argumento, pois ele se refere a uma queda no salário real (em termos de trigo) como sendo "mais ou menos permanente, dependendo de se o preço de onde cai o salário for mais ou menos próximo daquela remuneração pelo trabalho [na mesma unidade] que é necessária para a real subsistência do trabalhador" (ibid., p. 22).

A fim de isolar os "efeitos naturais do progresso da riqueza" (ibid., p. 11), ou os "efeitos peculiares" do crescimento a longo prazo, ele procede sob a suposição de que w permanece constante (ibid., p. 12), presumivelmente ao nível de equilíbrio ("permanente")

³ Vide a Nota de Sraffa a respeito do Ensaio sobre Lucros, in: RICARDO (1951, v. IV)

w_s . Depois de prosseguir por algum tempo sob esta suposição de que "nenhuma alteração ocorresse nos salários do trabalho" (ibid.,p.13), Ricardo considera novamente os efeitos de uma mudança em w da seguinte maneira:

"Supondo que a natureza do homem fosse de tal forma alterada que ele necessitasse o dobro da quantidade de alimento ora necessária para sua subsistência..." (Ibid.,p.15)

Isto parece confirmar que w havia sido suposta permanecer constante ao nível w_s e, ademais, sugere uma cesta salarial de subsistência que consiste somente de uma dada quantidade de alimento, a qual é dada pela "natureza do homem". De fato, a suposição simplificadora implícita de que o consumo dos trabalhadores consiste de "comida" é sugerida ao longo de todo o argumento no Ensaio, o qual pretende estabelecer, como coloca o título, a "influência de um baixo preço do trigo sobre os lucros do capital", sendo o trigo um bem-salário. Em particular, tal suposição explica porque a taxa de salário real é dada (não meramente expressa) em termos de trigo, mesmo quando ela é considerada dada não necessariamente ao nível de subsistência. A taxa de salário de subsistência é também definida em termos de trigo, sendo ligada logicamente a uma dada quantidade de alimento.

Portanto, parece que o curso principal do argumento no Ensaio consiste na comparação de estados de equilíbrio competitivo geral (incluindo o mercado de trabalho), onde $w=w_s$, sendo w_s por seu turno igual a uma dada quantidade de alimento que é necessária para a subsistência do trabalhador, de modo que:

$$w = a \quad (II)$$

onde a é a quantidade de alimento necessária por homem-ano.

Ricardo parece ter combinado (a) e (b) numa "teoria" geral de que o valor de qualquer mercadoria i em termos de outra mercadoria j ($i,j=a,b,...,m$, sendo " m " a mercadoria-dinheiro) depende da despesa "estimada em trigo" de produzir a mercadoria i relativamente à despesa em termos de trigo de produzir a mercadoria j . Isto pode ser representado pelas seguintes funções:

$$p'_i/p'_j = F_{ij}(x_i, x_j) \quad i,j=a,b,...,m \quad (III)$$

⁴ SMITH (1776), Livro I, cap.8

onde p'_i é o preço em dinheiro da mercadoria i , sendo $p_m=1$; F_{ij} é uma função crescente de x_i e decrescente de x_j ; e x_i é a despesa para produzir uma unidade da mercadoria i , que se supõe seja independentemente determinada em termos de trigo.

Supondo que as despesas de produção consistem somente de salários (de modo que $x_i=n_iw$ para todo $i=m$), Ricardo colocou no Ensaio uma série de proposições que parecem ter sido deduzidas de algo semelhante a (III):

1. Ele deduziu de III e presumivelmente II que uma variação de p'_a não pode afetar p'_i ($i=b,c,\dots$), através da taxa de salário em dinheiro (RICARDO,1815,p.21n.,37). Com efeito, se esta taxa varia em proporção a p'_a , isto é, se w permanece inalterada, os custos salariais de b,c,\dots em termos de trigo continuam os mesmos.
2. Ricardo afirmou também (ibid.,p.19,n.) que o preço do trigo poderia (acidentalmente) subir ou baixar "em virtude de maiores ou menores salários reais do trabalho [w , presumivelmente acima ou abaixo de seu nível de equilíbrio]". Mas ele não levou em conta o efeito análogo de w sobre todos os demais p'_i tanto quanto sobre p'_a (de acordo com III), ou o que vem a ser a mesma coisa, o efeito de w sobre o valor do dinheiro. Por outro lado, aparentemente ele supõe que este valor do dinheiro não pode mudar a não ser como resultado de "causas" que afetam o próprio dinheiro, quais sejam, seu custo de produção (ibid.,p.21,n.) e sua "abundância ou escassez" (ibid.,p.19,n.). Assim sendo, esta suposição é compatível com III somente quando a última está sujeita a II.
3. Havendo suposto que w permanece constante (presumivelmente em seu nível de equilíbrio a , de acordo com II), Ricardo concluiu de III que o valor de equilíbrio da mercadoria i em termos da mercadoria j depende de n_i relativamente a n_j . Como ele coloca no Ensaio:

"Onde quer que a competição possa ter seu pleno efeito, e a produção da mercadoria não seja limitada pela natureza ... a dificuldade ou facilidade de sua produção regulará em última análise seu valor de troca" (RICARDO,1815,p.19-20)

"O valor de troca de todas mercadorias sobe à medida que as dificuldades de sua produção aumentam ["devido a ser necessário mais trabalho"] ... Pelo contrário, facilidades na produção de trigo, ou de qualquer outra mercadoria qualquer que seja seu tipo, que permitam obter o mesmo produto com menos trabalho, farão diminuir seu valor de troca" (Ibid.,p.19)

Em particular:

"melhorias na mineração, ou a descoberta de novas e mais abundantes minas de metais preciosos, diminuem o valor de ouro e prata, ou o que é a mesma coisa, fazem subir o preço de todas as demais mercadorias" (Ibid.)

Esta proposição pode ser expressa pelas seguintes funções:

$$p'_i/p'_j = G_{ij}(n_i, n_j) \quad i, j = a, b, \dots, m \quad (IV)$$

onde, em particular para i ou $j = m$, n_m é a quantidade de trabalho requerida por unidade de ouro-dinheiro; e onde G_{ij} é uma função crescente de n_i e decrescente de n_j . Deve talvez ser enfatizado que isto não é uma suposição arbitrária, mas sim uma dedução feita por Ricardo de III e II, embora ele não a tenha demonstrado, é claro.

Considere-se então o argumento de Ricardo envolvendo sua "teoria" de valores e preços:

"Se então novas dificuldades ocorrem na produção de trigo, sendo necessário mais trabalho, enquanto não é requerido mais trabalho para produzir ouro, prata, tecido, linho etc., o valor de troca do trigo necessariamente subirá em comparação com aquelas coisas... O único efeito, então, do progresso da riqueza sobre os preços, independentemente de todas as melhorias, seja na agricultura ou nas manufaturas, parece ser o aumento nos preços do produto primário [trigo] e do trabalho, deixando todas as outras mercadorias em seus preços originais, e a diminuição dos lucros gerais em consequência do aumento geral dos salários" (RICARDO, 1815, p. 19-20)

Contudo, se os preços relativos devem se comportar de acordo com IV, que implica que os preços em dinheiro não devem ser afetados por um aumento na taxa geral de salários em dinheiro, então as taxas de lucro não podem cair uniformemente em todos os setores, como requerido pela suposição de que elas devem ser as mesmas. Com efeito, as taxas de lucro são definidas, em termos de dinheiro, pela seguinte expressão:

$$r_i = (p'_i - n_i w') / (n_i w' + f'_i) \quad i = a, b, \dots \quad (V)$$

onde w' é a taxa de salário em dinheiro, ou seja, $w' = w p'_a$, e $f'_i = f_i p'_a$. Assim sendo, se n_a , p'_a e w' são maiores, enquanto tudo o mais no lado direito de V permanece o mesmo, todas as r_i serão menores (em particular p'_a é aumentado apenas na extensão requerida para

compensar a maior n_a , mas não é afetado por uma maior w'). Porém, as r_i não podem ser diminuídas na mesma extensão em todos os setores, desde que f'_i/n_i (e portanto a proporção entre o capital fixo e o circulante) é em geral diferente de setor para setor. Assim, r_b, r_c, \dots não podem todas diminuir na mesma extensão que r_a , e portanto não se pode dizer que sejam "reguladas" por r_a , como reafirma Ricardo depois da passagem recém-citada (ibid.,p.21).

O conjunto do argumento no Ensaio envolve assim a inconsistência de que IV não pode em geral vigorar se se supõe I, ou seja, se as taxas de lucro setoriais devem ser uniformes. Por um lado, IV implica que p'_i/p'_j não é afetado por variações de w' e r . Por outro lado, se todas as r_i são iguais e devem cair por um aumento em w' , os preços em dinheiro de mercadorias que são produzidas com uma maior proporção f'_i/n_i devem cair em relação aos preços de mercadorias que são produzidas com uma menor proporção f'_j/n_j , ou seja, p'_i/p'_j deve cair se $f'_i/n_i > f'_j/n_j$ (dados f'_i e n_i , f'_j e n_j). Isto torna-se evidente a partir de:

$$p'_i/p'_j = [n_i w' (1+r) + r f'_i] / [n_j w' (1+r) + r f'_j]$$

supondo-se que r varie inversamente com w' .

Como será visto a seguir (seção 2), Ricardo iria mais tarde se dar conta de tal problema de "proporções de capital". É interessante notar que ele já estava no Ensaio próximo de ver o problema, pois, ao considerar a taxa de lucro do setor agrícola isoladamente, observou:

"Em proporção que o capital empregado na terra consistisse mais de capital fixo e menos de capital circulante, iriam... a propriedade ["os lucros", como notado por Sraffa, loc.cit.] cair menos rapidamente [devido a dados incrementos nos custos salariais em virtude de reduções na produtividade do trabalho]" (RICARDO, 1815, p.16, n.)

Ricardo não ficou satisfeito com a exposição que fez de sua teoria no Ensaio, pressionado como estava pela urgência de intervir nos debates, então correntes, sobre a questão das "Corn Laws":

"É um motivo de mortificação para mim que minha execução tenha sido tão defeituosa - eu estava com muita pressa, e não tornei a minha intenção inteligível mesmo para aqueles que têm familiaridade com tais assuntos, muito menos para aqueles que ficam na superfície destas questões" (carta a Malthus de 9mar.1815, in RICARDO, 1951, v.VI, p.179)

James Mill, tendo "estado lendo mais uma vez" o Ensaio, aconselhou Ricardo que ele devia "nunca escrever qualquer proposição material sem sua prova imediata, ou uma referência à própria página onde a prova é dada. Você não deve nunca deixar qualquer proposição como essa para ser inferida, através de uma série de passos, por seus leitores eles próprios, a partir de alguns princípios distantes. É isso que fez com que o panfleto em questão seja considerado obscuro" (carta de 22dez.1815, in: RICARDO,1951,v.VI,p.339)

2 Transição de uma teoria de valor baseado no custo de produção para uma teoria de “valor-trabalho”

A despeito de uma admissão ocasional de variações nos preços das mercadorias "devido ao aumento ou queda no preço do produto primário que entra em sua composição" (RICARDO,1951,v.VI,p.179), a noção das despesas de produção como consistindo de salários, ficando fora de foco os materiais (assim como o capital fixo), iria de fato continuar no centro do raciocínio de Ricardo.

Foi sob pressão da crítica de Malthus, pouco após a publicação do Ensaio, que Ricardo chegou eventualmente à conclusão que iria depois colocar como título da seção 1 do capítulo "Sobre Valor" nos seus Princípios de Economia Política (2a. e 3a. edições⁵): "O valor de uma mercadoria, ou a quantidade de qualquer outra mercadoria pela qual se trocará, depende da quantidade relativa de trabalho que é necessária para sua produção, e não da maior ou menor compensação que é paga por esse trabalho" (RICARDO,1951,v.I,p.11)

O argumento de Malthus, no qual ele insistiu numa série de cartas a partir de 10 mar. 1815, dizia respeito ao efeito de um aumento no preço relativo do trigo, fazendo aumentar o total do excedente derivado da terra intra-marginal, uma vez que as "despesas estimadas em trigo serão menores, devido ao poder de se comprar com uma menor quantidade de trigo a mesma quantidade de capital fixo e de capital circulante [constituído de] chá, açúcar, roupa etc. para os trabalhadores [em número igual]" (carta de Malthus de 12mar.1815, in: RICARDO,1951,v.VI,p.185). Com efeito, se a cesta de subsistência inclui mercadorias além do trigo, digamos, uma quantidade **b** de tecido além da quantidade **a** de

⁵ Vide SRAFFA (1951),p.lii-liii. Sraffa observa que o título da seção 1 “cobre adequadamente o conteúdo do conjunto das primeiras três seções do capítulo [sobre valor] na 3ª edição”.

alimento, e se a taxa de salário deve ser igual ao valor de tal cesta, então a taxa de salário em termos de trigo seria diminuída devido à queda no valor em termos de trigo dos outros bens-salário:

$$w = a + bp_b$$

(VI)

Como veremos adiante, Ricardo decidiu então incorporar esta suposição em sua teoria. Ele deveria, portanto, abandonar seu teorema sobre o papel "regulador" da taxa de lucro da agricultura, o qual se baseava na suposição de que a cesta salarial consistisse apenas de trigo. De fato, como notado por Sraffa (1951,xxx), esse princípio "desaparece de vista" depois do Ensaio (exceto em ligação com a Tabela do Ensaio, numa carta a Malthus de 17 mar.1815, in RICARDO,1951,v.VI,p.194). Para explicar a determinação da taxa geral de lucro, restou a Ricardo apenas o argumento em termos de preços em dinheiro. Contudo, uma vez que II foi substituída por VI, ele devia ter abandonado também o "teorema" IV, que tinha deduzido de III sujeito a II. Além disso, III devia ser reconsiderada, uma vez que w e portanto x_i ($i=m$) tornaram-se agora variáveis endógenas, que dependem dos valores em termos de trigo dos outros bens-salário.

De fato, Ricardo abandonou imediatamente IV, mas parece ter retido III. Com efeito, ele respondeu à objeção de Malthus, numa carta de 14 mar.1815, nos seguintes termos:

"Minha opinião é que o trigo só pode subir permanentemente em seu valor de troca quando as despesas reais de sua produção aumentam. Se 5000 "quarters" de produto bruto custam 2500 "quarters" pelas despesas de salários etc., e 10000 "quarters" custam o dobro ou 5000 "quarters", o valor de troca do trigo seria o mesmo, mas se os 10000 "quarters" custam 5500 "quarters" pelas despesas de salários etc., então o preço [isto é, o valor em termos de dinheiro] subiria 10% porque esta seria a magnitude do aumento nas despesas. Uma subida no preço do trigo e uma queda no preço do trabalho em termos de trigo [por unidade de produto] são em minha opinião incompatíveis, a menos que sejam devidas a alguma coisa na moeda, e não é necessário se perguntar aqui quais efeitos isto produziria. Observe que eu não questiono que cada trabalhador individual possa receber um preço menor do trabalho em termos de trigo [w], porque acredito que este seria o caso... Se não fossem empregados mais trabalhadores e o preço do trigo subisse, sua proposição não poderia ser

questionada, mas a causa do aumento no preço do trigo não é senão atribuível à despesa aumentada de produção" (RICARDO,1951,v.VI,p.189)

O aumento no número de trabalhadores empregados (por unidade de produto) é ainda a "causa" independente da subida no preço do trigo, mas esta subida é proporcional ao aumento no custo salarial (em termos de trigo), que é menos que proporcional ao aumento na quantidade de trabalho, uma vez que a taxa de salário em termos de trigo é diminuída.

Em sua carta seguinte a Malthus (17 mar.1815), Ricardo decide supor, em um exemplo numérico, que o preço do trigo subiria em proporção à quantidade (média⁶) de trabalho requerida, mas isto é considerado um exagero:

"Ao fazer este cálculo, eu favoreci muito seu ponto de vista sobre a questão, porque o preço do trigo, eu penso, não subiria em proporção ao maior número [médio] de homens empregados mas sim em proporção ao maior montante [médio] de salários pagos [em termos de trigo]... esse cálculo sendo baseado num maior valor de troca do trigo [vis-à-vis os bens manufaturados "nos quais uma parte de seus salários é gasta"]" (RICARDO,1951,v.VI,p.193-4)

Esta discussão entre Malthus e Ricardo prosseguiu por meio de uma intensa troca de correspondência, envolvendo discussão da magnitude e da "causa" do aumento no preço do trigo, como também do efeito desse aumento sobre os valores em termos de trigo e em termos de dinheiro das outras mercadorias, particularmente os outros bens-salário. Nesta correspondência (de março/abril de 1815), particularmente em seus exemplos numéricos, Ricardo supõe invariavelmente que os preços em dinheiro dos outros bens-salário não seriam afetados por um aumento no preço do trigo (exceto como matéria-prima). Como no Ensaio, ele parece não ter se dado conta do efeito de uma variação de w fazendo variar as despesas em termos de trigo de produzir os outros bens-salário (tanto quanto as despesas de produzir o próprio trigo). Se ele adotava III, teria que admitir que uma mudança em w afetaria todo outro p'_i assim como p'_a , ou seja, afetaria o valor do dinheiro. Mas isto vai contra a sua aparente crença de que o valor do dinheiro só depende de "causas" que afetam o próprio dinheiro. Se ele se apegasse a este conceito do valor do dinheiro, teria que

⁶ Ricardo não levou em conta neste argumento a distinção entre as despesas unitárias de produzir trigo na margem extensiva da agricultura e na agricultura como um todo; cf. GAREGNANI(1982),p.77.

reconsiderar III, porque nem p'_a nem p'_b , p'_c ,... deveriam depender de w . Ao reconsiderar III, que combina as suposições (a) e (b) como descrito na seção 1 acima, Ricardo abandonaria a suposição (b) mas certamente não (a), ou seja, não revogaria as equações I, que representam nada menos que a teoria de Smith sobre “preço natural”.

No Ensaio, ele pode não ter pensado adequadamente sobre os efeitos de uma mudança em w , pois esta era vista como uma ocorrência "acidental" ou de desequilíbrio. Mas variações de w tornaram-se agora parte do quadro de equilíbrios (na forma da equação VI), e se esperaria que, ao considerar os novos elementos em jogo na sua discussão com Malthus, com base na posição já adotada no Ensaio, Ricardo provavelmente não deixaria de ver a variação nos custos salariais de produzir as outras mercadorias domesticamente produzidas, devida à mudança em w , como de fato a via na produção de trigo. Ele veria então que, se os valores de troca das mercadorias domésticas devem depender de seus respectivos custos salariais em termos de trigo ($n_i w$) - o que ele tinha "deduzido" de I - "segue-se" então que tais valores não são afetados por uma mudança em w , "desde que" esta taxa e suas mudanças são uniformes em todos os setores, afetando seus custos de produção do mesmo modo e aparentemente deixando inalterados os preços relativos. Daí viria a conclusão de que os preços relativos das mercadorias domesticamente produzidas dependem somente das quantidades de trabalho requeridas para sua produção.

Que ele de fato chegou eventualmente a essa conclusão é sabido e é claro no capítulo dos Princípios sobre valor, onde, antes de considerar as circunstâncias que modificam tal princípio de determinação de valores, Ricardo explica que variações na taxa de salários reais não poderiam afetar o valor relativo de duas mercadorias, “porque os salários seriam altos ou baixos ao mesmo tempo em ambas ocupações” (RICARDO, 1951, v.I, p.27). Com efeito, fazendo abstração de capital fixo, as equações I implicam que⁷:

$$p_i/p_j = n_i w(1+r)/n_j w(1+r) = n_i/n_j$$

Qualquer que tenha sido o caminho do raciocínio de Ricardo, ele parece ter chegado a essa conclusão como um resultado de sua discussão com Malthus sobre seu argumento no Ensaio. Com efeito, na carta para Malthus de 21 abr. 1815, ele conclui:

⁷ Vide DMITRIEV (1977)

"Parece-me que minha tabela é aplicável a todos os casos em que o preço relativo do trigo aumenta por ser requerido mais trabalho para produzi-lo, e não pode haver um aumento em quaisquer outras circunstâncias, por maior que seja a demanda⁸, a menos que [as outras] mercadorias caiam em valor por ser requerido menos trabalho para sua produção"⁹

O "teorema" IV parece então ter sido revivido (restringido a $i,j=m$), apoiando-se agora apenas em I, ou seja, na teoria de Smith sobre "preço natural".

O que dizer dos preços em dinheiro das mercadorias, isto é, de seus valores em termos de metais preciosos (de produção estrangeira) ? Ricardo manteve sua distinção entre causas que afetam o preço em dinheiro de uma mercadoria particular (ou seu preço relativo) e causas que afetam todos os preços ao mesmo tempo, ou seja, que alteram o valor do dinheiro - as últimas sendo causas que afetam o próprio dinheiro¹⁰. Assim, ele afirma numa carta para Malthus de 27 jun.1815:

"Parece-me que há duas causas que podem causar um aumento de preços: uma, a depreciação da moeda, a outra a dificuldade de produzir" (RICARDO,1951,v.VI,p.233-4) (Fica claro nesta correspondência, assim como no Ensaio, que "dificuldade" ou "facilidade" de produção refere-se à produtividade do trabalho, ou o que é a mesma coisa, à quantidade de trabalho requerida por unidade de produto¹¹.)

Também, numa carta para Mill de 2 jan.1816:

"Penso que o trigo e o trabalho são as mercadorias variáveis, e que as outras coisas não sobem nem caem [em seus preços] senão por sua dificuldade ou facilidade de produção, ou por alguma causa afetando particularmente o valor do dinheiro" (Ibid.,v.VII,p.3)

⁸ Isto é afirmado em resposta a uma suposição de Malthus de que "o aumento no preço do trigo seja ocasionado pela demanda" (carta de 18 abr.1815, loc.cit., p.216).

⁹ RICARDO, op.cit., v.VI, p.220; ênfase minha. Garegnani (op.cit., p.77) chama a atenção para esta passagem ao enfatizar "não pode haver um aumento em quaisquer outras circunstâncias" e ao observar que Ricardo "finalmente dá uma indicação de que o preço do trigo subirá em proporção ao trabalho requerido" (ibid.,p.74). Mas Garegnani não explica este desenvolvimento, nem o interpreta como um passo decisivo para a teoria de valor-trabalho dos Princípios, da qual "o Ricardo desta correspondência [da primavera de 1815] parece estar ainda longe" (ibid.,p.77). De fato, Garegnani não se afasta da posição de Sraffa, segundo a qual tal passo decisivo ocorreu depois de dezembro de 1815 (vide Apêndice abaixo).

¹⁰ "Esta invariabilidade do valor dos metais preciosos, senão por causas particulares relacionadas apenas a eles próprios, tais como oferta e demanda, é a âncora mestra sobre a qual todas as minhas proposições estão construídas" (carta a Mill de 30 dez.1815, op.cit., v.VI, p.348).

¹¹ Vide, em particular, carta de Malthus de 5 mai.1815 (RICARDO, op.cit., v.VI, p.224) e a resposta de Ricardo de 8 mai. (loc.cit.,p.226); cartas de Malthus de 26 ago. (ibid.,p.255-256) e de 1 out. (ibid.,p.290-291) e carta para Malthus de 7 out. (ibid., p.292 et seq.).

Portanto, se o valor do dinheiro em termos de todas exceto uma das mercadorias continua o mesmo, o preço em dinheiro dessa mercadoria particular subirá ou cairá em proporção a seu valor em termos dessas outras mercadorias, ou seja, em proporção à quantidade de trabalho requerida para sua produção. A posição de Ricardo iria ser plenamente colocada no capítulo dos Princípios sobre comércio exterior, onde ele distingue um aumento no preço do trigo produzido por um aumento em seu valor (devido a uma crescente "dificuldade de produção") de um aumento devido a uma queda no valor do dinheiro, e afirma:

"pela necessidade de recorrer sucessivamente a terra de qualidade cada vez pior ... o trigo deve aumentar de valor relativamente a outras coisas. Se, portanto, o dinheiro continua permanentemente com o mesmo valor [relativamente a tais "outras coisas"], o trigo se trocará por mais de tal dinheiro, o que quer dizer, seu preço subirá" (Ibid.,v.I,p.145-6)

As novas conclusões de Ricardo sobre valor e preço aparentemente não o preocuparam, pois não alteravam a explicação dada no Ensaio sobre o comportamento dos lucros e dos preços de equilíbrio, onde já tinha considerado as mudanças de valor e preço como resultantes de mudanças nas quantidades de trabalho requeridas, uma vez que supunha que a taxa de salário real permanecia constante.

Na correspondência de Ricardo após aquela carta a Malthus de 21 abr.1815, ele adere consistentemente a sua nova posição, como colocada numa carta a Malthus de 30 jul.1815:

"Um preço realmente alto do trigo [alto em termos de um dinheiro constante] ... é sempre ocasionado pela dificuldade de produção. Não conheço nenhuma outra causa..." (Ibid.,v.VI,p.241)

Também numa carta a Say de 18 ago.1815, ele argumenta de uma forma bem semelhante às passagens iniciais do capítulo dos Princípios sobre valor:

"Uma mercadoria deve ser útil para ter valor, mas a dificuldade de sua produção é a medida verdadeira de seu valor..." "...dificuldade de produção... é sempre o fundamento de um valor grande" (Ibid.,p.247-8)

3 Descoberta do problema das “proporções de capital” na determinação de valores relativos

Novas dificuldades surgiram para Ricardo em setembro/outubro de 1816, quando ele descobriu o problema das "proporções de capital", descrito no fim da seção 1 acima. Com efeito, Sraffa relata que Ricardo atrasou o envio a James Mill de um rascunho dos primeiros capítulos dos Princípios, a razão sendo:

"que ele tinha "estado muito tolhido pela questão de preço e valor" (como escreveu a Malthus), e que (como informou a Mill) ele tinha "estado além da medida quebrando a cabeça para encontrar a lei do preço". "Descobri numa referência a números que minha opinião anterior não podia estar correta e fiquei uma quinzena inteira ponderando sobre minha dificuldade antes de descobrir como resolvê-la". Esta importante mudança estava evidentemente ligada ao "curioso efeito" (para o qual chamou a atenção de Mill na mesma carta) de um aumento de salários fazendo baixar os preços daquelas "mercadorias que são obtidas principalmente pela ajuda de maquinaria e capital fixo" [carta a Mill de 14 out.1816]" (SRAFFA,1951,p.xv-xvi)

O cabeçalho da Seção IV do capítulo "Sobre Valor" nos Princípios (3a.ed.) descreve a descoberta:

"O princípio de que a quantidade de trabalho dispendida na produção de mercadorias regula seu valor relativo, consideravelmente modificado pelo emprego de maquinaria e outro capital fixo e durável"

Uma segunda "causa" é aí reconhecida como operando na determinação de preços relativos, qual seja, variações na taxa de salário (acompanhadas por variações inversas na taxa de lucro). Em sucessivas edições dos Princípios, como relata Sraffa (1951,p.xl et seq.), Ricardo explica mais completamente as circunstâncias nas quais opera esta causa, incluindo a ocorrência de diferentes períodos de retorno do capital circulante, e dedica atenção às condições requeridas do dinheiro para ser um padrão invariável de valor em presença de variações na taxa de salário - supondo que a mercadoria-dinheiro seja produzida domesticamente (numa economia fechada).

É evidente a importância para Ricardo da descoberta de que sua "lei de preço", na qual se apoiava sua teoria de distribuição, não era correta, como disse a Mill (citado por Sraffa, loc.cit.). Trower também foi informado e lhe respondeu assim, numa carta de 19 nov.1816:

"A detecção de erro é tão importante quanto a descoberta da verdade" (RICARDO,1951,v.VII,p.95)

E Ricardo assegurou a Malthus, numa carta de 5 out.1816:

"...eu sinto fortemente a verdade de minha teoria... Continuarei a trabalhar, ainda que apenas para minha própria satisfação, até que tenha dado a minha teoria uma forma consistente" (Ibid.,p.71-2)

4 Conclusão

Parece, portanto, que houve dois eventos cruciais no desenvolvimento do tratamento dado por Ricardo ao tema "valor", entre o Ensaio (1815) e os Princípios (1817): (primeiro) a transição de uma teoria Smithiana de valor baseado no "custo de produção" para uma teoria de "valor-trabalho" (mar./abr.1815); e (segundo) a descoberta do problema de "proporções de capital" na sua nova teoria de valor (set./out.1816), quando então decidiu modificar esta teoria.

Somos então levados a reconsiderar a sugestão de Sraffa (1951,p.xxxiv) de que o "ponto de virada" na transição do Ensaio para os Princípios, no tratamento de valor, foi alcançado quando, em fins de 1815, Ricardo escreveu para Mill: "Eu sei que em breve serei detido pela palavra preço." A explicação de Sraffa é criticada no Apêndice, onde é mostrado que esta frase tem um significado trivial quando tomada no contexto da correspondência entre Ricardo e Mill, e que ela não envolve os desenvolvimentos teóricos que lhe foram associados por Sraffa.

APÊNDICE: Reconsideração da explicação de Sraffa sobre a emergência da teoria de Ricardo sobre valor

Em sua Introdução aos Princípios de Ricardo, Sraffa sugeriu que, no Ensaio, há "passagens" que "antecipam" a teoria de valor adotada posteriormente por Ricardo, e que já "ligam" esta teoria de valor com sua teoria de lucros. Tais "elementos fragmentários", diz Sraffa, "são retomados no capítulo Sobre Valor nos Princípios com a adição de vários elementos novos... e são aí articulados numa teoria sistemática de valor, sobre a qual se baseiam agora as teorias de renda, salário e lucro". Sraffa continua sua explicação: "O ponto de virada nessa transição do Ensaio para os Princípios foi alcançado quando, no final de 1815, havendo encetado o trabalho nos Princípios, ele escreveu para Mill: "Eu sei que em breve serei detido pela palavra preço"... Esta é a primeira vez que ele enfrenta a necessidade de uma solução geral do problema, ao invés de se contentar em lidar com as

dificuldades do preço aos poucos, à medida que elas surgem em problemas particulares. Uma compreensão adequada do assunto parece-lhe de uma só vez envolver: (a) a distinção entre causas que afetam o valor do dinheiro e causas que afetam o valor das mercadorias; (b) a suposição da invariabilidade dos metais preciosos como um padrão de valor; (c) a oposição à opinião de que o preço do trigo regula os preços de todas as outras mercadorias. Estas três coisas, que se encontram tão intimamente ligadas em sua mente a ponto de serem quase identificadas, constituem o que ele chama "a âncora mestra sobre a qual todas as minhas proposições estão construídas". ... A distinção entre os dois tipos de influências sobre o valor (do lado do dinheiro e do lado das mercadorias) é tornada possível pelo tratamento que dá Ricardo ao dinheiro como uma mercadoria igual a qualquer outra. Assim, uma mudança nos salários não poderia alterar os preços das mercadorias, uma vez que (se a mina de ouro da qual o dinheiro era obtido fosse no mesmo país) um aumento de salários afetaria o dono da mina de ouro tanto quanto as demais indústrias. Segue-se que seriam as condições relativas de produção de ouro e de outras mercadorias que determinavam preços, e não a remuneração do trabalho. A tentativa de costurar em sua teoria a proposição que ele havia estabelecido, de que um aumento de salários não faz subir preços, levou-o imediatamente a sua descoberta do "efeito curioso" que o aumento de salários produz sobre os preços daquelas mercadorias que são obtidas principalmente pela ajuda de maquinaria e capital fixo." (SRAFFA, 1951, p. xxxiv-xxxv)

Contudo, uma história diferente surge de um re-exame da evidência relativa ao tratamento dado por Ricardo ao tema valor, tanto no Ensaio como ao longo de sua correspondência até a publicação dos Princípios. Com efeito, como foi visto na seção 1 acima, o Ensaio contém um tratamento de valor que não constitui propriamente uma teoria, mas que articula coerentemente (embora não consistentemente) as proposições sobre o comportamento de valores e preços, tanto as que concernem às relações de uns com outros como destas com as proposições sobre salários e lucros - seu aspecto "fragmentário" sendo antes uma questão de composição (exposição) do que de substância. Esta "teoria" de valor é de fato uma parte essencial do argumento de Ricardo sobre "a influência de um baixo preço [em dinheiro] do trigo sobre os lucros [em dinheiro] do capital" - que é na verdade o que o Ensaio pretende estabelecer.

Em particular, os elementos (a), (b) e (c) destacados por Sraffa (conforme citação acima) são encontrados já no Ensaio como suposições ou implicações de um argumento coerente

sobre valores e preços. Assim sendo, eles não são "quase identificados" na mente de Ricardo em fins de 1815, nem são eles portanto o que Ricardo chama então sua "âncora mestra". Esta consiste na verdade, com bastante precisão, de sua "doutrina sobre a causa da variação no valor de ouro e prata", qual seja, a "invariabilidade do valor dos metais preciosos, senão por causas particulares pertinentes apenas a eles próprios, tais como oferta e demanda" (carta a Mill de 30dez.1815, in:RICARDO,1951,v.VI,p.349).

Como foi também visto, na seção 2 acima, a conclusão de que os preços relativos são determinados por quantidades relativas de trabalho (e não pela remuneração do trabalho) foi alcançada por Ricardo já em abril de 1815, raciocinando sobre elementos que são diferentes daqueles apontados por Sraffa (que na realidade não apresenta evidência direta para sustentar sua reconstrução). Em particular, no próprio raciocínio de Ricardo naquela ocasião, o ouro era, ao contrário, uma mercadoria de produção estrangeira.

Finalmente, Ricardo descobriu o problema das "proporções de capital" em sua teoria de valor-trabalho (na forma do "curioso efeito" da taxa de salário monetária sobre os preços relativos e os preços em dinheiro), não da "tentativa de costurar em sua teoria geral a proposição que havia estabelecido de que um aumento de salários não faz subir os preços", como sugerido por Sraffa, mas antes simplesmente "numa referência a números", nas próprias palavras de Ricardo, aliás citadas por Sraffa (1951,p.xvi) em sua descrição da descoberta de Ricardo.

O fato de Ricardo ter dito a Mill (carta de 30 dez.1815) que ele seria "em breve detido pela palavra preço" não tem o significado que lhe deu Sraffa. A frase tem na verdade um significado trivial quando tomada no contexto da correspondência. Ricardo está nessa carta respondendo a uma carta de 22 dez.1815, na qual Mill lhe havia submetido "um exercício":

"Você afirmou repetidamente [no Ensaio] a proposição de que melhorias na agricultura... fazem aumentar os lucros do capital... Mas em nenhum lugar você escreveu a prova... Eu te ordeno fazer um exercício, um exercício escolar; em outras palavras, escreva-me uma carta... você deverá responder sucessivamente à questão: o que vem em seguida ? Antes de tudo está a melhoria, o que vem em seguida ? Resp. o aumento do produto. O que vem em seguida ? Resp. uma queda no preço do trigo. O que vem em seguida ? E assim por diante. Eu verei então o que deve ser proposto a você em seguida." (RICARDO,1951,v.VI,p.339)

Ricardo responde:

"Estou muito feliz com a idéia de ter uma tarefa incumbida a mim sobre a qual escrever... Tão logo me veja livre dele [o manuscrito de Economical and Secure Currency] eu começarei [a trabalhar] na proposição que você exige seja provada. Eu sei que em breve serei detido pela palavra preço... Antes que meus leitores possam entender a prova que pretendo oferecer, eles devem compreender a teoria da moeda e do preço. Eles devem saber que os preços das mercadorias são afetados de duas maneiras: uma, pela alteração no valor relativo do dinheiro [por causas particulares pertinentes aos próprios metais preciosos], o que afeta todas as mercadorias quase ao mesmo tempo; a outra, por uma alteração no valor da mercadoria particular, e que não afeta o valor de nenhuma outra coisa, exceto se ela entra na sua composição... Você me achará um aluno tratável e espero industrioso." (Ibid.,p.348-9)

Vemos assim que a frase "Eu sei que em breve serei detido pela palavra preço" refere-se à sequência de passos na exposição escrita da prova, requerida por Mill, da proposição de que melhorias na agricultura aumentam os lucros do capital. Ricardo já tem a prova em mente, e ela envolve sua "teoria da moeda e do preço". Seu problema é tornar esta teoria clara para seus leitores, como também disse a Malthus em uma carta de 7 fev.1816:

"Não tenho pensado muito sobre nosso velho assunto [lucros e preços]; minha dificuldade encontra-se em apresentá-lo às mentes de outras pessoas de modo a fazê-las cair na mesma cadeia de pensamento que eu próprio. Se eu pudesse superar os obstáculos no caminho de dar um claro "insight" na origem e lei do valor relativo ou de troca, eu teria ganho metade da batalha" (Ibid.,v.VII,p.19-20)¹²

Essa ocasião em que Ricardo teve de fazer um "exercício" cobrado por Mill, ao fim de 1815, não foi "a primeira vez que ele enfrenta a necessidade de uma solução geral do problema [de preço]", como afirmou Sraffa (loc.cit.). Como vimos, tal necessidade foi enfrentada por Ricardo já no Ensaio e o pressionou mais ainda em virtude da objeção colocada por Malthus contra seu argumento, logo que o Ensaio foi apressadamente publicado. Garegnani reconheceu, na correspondência de Ricardo durante a primavera de

¹² A última sentença nesta passagem é citada por Sraffa (1951,p.xiv-xv) como peça de evidência de que "A partir desta ocasião [30dez.1815] em diante, o problema de Valor complicou-se cada vez mais para ele".

1815, sua "necessidade" e "disposição", mas ele não se afastou da explicação de Sraffa em outros aspectos:

"Esta correspondência de fato mostra a necessidade sentida por Ricardo na primavera de 1815, e sua disposição, de enfrentar sistematicamente o problema de valores relativos. É a mesma necessidade que é demonstrada quando, em sua carta para James Mill de 30 dez.1815, Ricardo escreve: "Eu sei que em breve serei detido pela palavra preço"... " (GAREGNANI,1982,p.74)

REFERÊNCIAS

DMITRIEV,V.K. (1977) La teoria del valor de David Ricardo: un intento de análisis riguroso. In: _____. Ensayos económicos sobre el valor, la competencia y la utilidad. Mexico: Siglo XXI, 1977.

GAREGNANI,P. (1982) On Hollander's interpretation of Ricardo's early theory of profits. Cambridge Journal of Economics, mar.1982.

RICARDO,D. (1951) The works and correspondence of David Ricardo. Cambridge: University Press, 1951-73. v. I-XI. (editado por P. Sraffa com a colaboração de M. Dobb) _____. Essay on the influence of a low price of corn on the profits of stock. In: _____. Works..., v. IV.

RICARDO, D. On the principles of political economy and taxation. In: _____. Works..., v. I.

SMITH, A. (1776) Inquiry into the nature and causes of the wealth of nations. Oxford: University Press, 1976. (editado por R.H. Campbell, A.S. Skinner & W.B. Todd in "The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith")

SRAFFA, P. (1951) Introduction [to Ricardo's Principles] In: RICARDO, Works..., v.I

